

# AS CRIANÇAS, OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Simone Ronzani<sup>1</sup>

## Introdução

A possibilidade de acesso às informações no ciberespaço representa um avanço inquestionável, do ponto de vista da democratização do saber. Mas, a aquisição de informações por meio da internet, numa perspectiva pedagógica, pode representar a simples reprodução do velho paradigma tradicional de comunicação.

A comunicação na Era Midiática surge e deixa para trás o antigo modelo de comunicação vertical, engessado no direcionamento a partir do emissor sempre para o receptor e inaugura a possibilidade de ampliar o desenvolvimento narrativo e o universo dialético. Tal realidade possibilita não apenas a criação de novos conflitos, histórias, personagens, como também novas maneiras de se consumir e interagir com esse universo.

Ao encontro disso, vem a propalada Revolução na Comunicação, por Marshall McLuhan, que desde 1964 já apontava para a discrepância entre a quantidade de informações transmitidas pela imprensa X as das instituições de ensino e textos escolares. O que McLuhan nomeou de 'Aldeia Global' acabou por se reproduzir anos adiante com o advento da internet.

A premissa de que "o meio é a mensagem", também assinada por McLuhan, se encaixa como uma luva nas mãos multitarefas da Geração Z, daqueles nascidos de 1998 até o presente. Como não existem mais receptores passivos, as mais diversas interfaces comunicativas passam a justificar a própria Geração. O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea já mostrou, com força suficiente, o enorme poder que elas têm e fechar os olhos ou desligar os telefones, tablets e computadores são ações, mas não cumprem mais o seu papel. O fascínio permanecerá.

O novo modelo de comunicação, bem mais envolvente e participativo, não elimina os modelos verticalizados, mas sinaliza como os mesmos precisam passar por grandes transformações. E essas mudanças já estão acontecendo a partir dos novos coautores e atores: os próprios nativos digitais, que formam a Geração Z.

Para conhecermos melhor o rosto e o coração das novas Gerações, precisamos mergulhar nesse universo digital. Um pai que quer saber o que o filho está apreendendo, vai precisar entrar no universo da linguagem midiática e compreender o modo como o filho percebe o mundo digital e interage com as tecnologias. Uma mãe que quer entender como o seu filho está se preparando para ser um cidadão, vai precisar saber como ele ouve música, como interage e se relaciona em rede com amigos, amigas e desconhecidos. As comunidades virtuais são elementos complementares para ampliação da comunicação real: estão justapostas, não em oposição.

Provavelmente, não tenhamos presenciado um acesso tão grande ao conteúdo produzido por pessoas comuns como hoje através da internet. Histórias de vidas, textos científicos ou vídeos para entretenimento estão disponíveis a uma numerosa plateia, praticamente isenta de barreiras geográficas. A velocidade de interação garantida por essa mídia cria espaços virtuais nos quais seus usuários possuem liberdade para produzir e alimentar a rede que cresce infinitamente.

De um lado, a influência da mídia no modo de vida das pessoas; do outro a educação, como um meio que direciona o sujeito a refletir e compreender sua realidade; e no meio a escola, instituição histórica, a qual compete despertar e induzir o aluno ao agir no tecido social. Essa disposição era possível antes da Era Midiática. Com o processo da comunicação horizontalizada,

---

<sup>1</sup> Jornalista. Especialista em Gestão do Entretenimento e criadora do [recontando.com](http://recontando.com).

essa disposição isolada dos papéis deu lugar à total interconexão entre eles, considerando a mídia como meio de transmissão de informação, que influencia, no ser e agir dos sujeitos.

Hoje em dia, a comunicação presente no processo de ensino e aprendizagem, não se limita ao material didático, abrange voz, escrita, comportamento, imagens, sons, notícias que, necessariamente, acompanham as mudanças e interferências dos meios a partir dos quais serão propagados.

Ao ter contato com Recontações, notícias recontadas e ilustradas especialmente ao seu entendimento, as crianças emancipam-se, passam a pensar por elas mesmas, superam situações de infantilização, passam a se comportar orientadas por pensamentos próprios, construídos a partir de seu conhecimento e experiências. Dialeticamente suas atitudes e comportamentos são constituídos conforme a realidade que vivem, e sofrem influências do meio bem como o modificam também; suas reflexões são estimuladas e provocadas a partir de uma consciência real e legitimada em princípios morais e solidários que constituem o homem de bem. O estado de consciência é possibilitado por uma reflexão racionalizada que esclarece a sua ação, permite uma consciência de análise das intenções e consequências de atos ou do seu modo de agir socialmente. O homem se diferencia dos demais animais por ser um ser pensante, ou seja, ter potencialmente capacidades racionais. Além disso, ao invés de se adaptar à natureza, a transforma, tanto para sua subsistência tanto para o conforto e aprimoramento de técnicas.

Por meio da releitura contextualizada das notícias, conhecimentos são repassados de acordo com o estágio cognitivo/existencial das crianças (6 a 11 anos) e, de forma clara e direta, são viabilizados a racionalidade, o amadurecimento e a plena liberdade de escolher o comportamento no contexto em que vivem.

A formação cidadã a partir dos meios de comunicação, das notícias e seus contextos, é o primeiro passo à formação de adultos racionais, maduros, capazes de analisar criticamente quaisquer contextos histórico/social. É quando o conhecimento e a ciência passam a ter importância determinante na forma de pensar a vida em sociedade.

O processo de RECONTAR notícias vai ao encontro da educação para a produção de conhecimento e não apenas como processo de reprodução dos mesmos e a escolha da web como primeiro ponto de distribuição dos episódios de notícias recontadas e animadas foi em benefício de todos os grupos, classes sociais e de uma sociedade de pensar mais livre. “A educação é o propósito da vida humana” declara Ikeda (2006, p. 17), e que a alienação por meio da educação deve ser combatida, ela não pode ser uma ferramenta de manipulação.

Isso está de acordo com a filosofia ética de Kant, que insiste que devemos respeitar a autonomia das outras pessoas e que os seres humanos jamais devem ser usados como um meio para se atingir um fim. Aprender é o exato propósito da vida humana, o fator primordial no desenvolvimento da personalidade e que torna os seres humanos verdadeiramente humanos. Entretanto, o desenvolvimento da personalidade tem sido consistentemente reduzido a uma posição subordinada e visto como um meio para se atingir outros fins. Essa perspectiva tem prevalecido no mundo inteiro por toda a história moderna e, particularmente no século XX. (...) Tratar a educação como um meio em vez de um fim reforça a visão utilitária da própria vida humana. (IKEDA, 2006, p. 17 e 18)

Daí a importância da educação crítica, da viabilidade de se formar o olhar crítico logo na infância. Atualmente, a informação ou o saber é o que destaca sujeitos no meio social, e que segundo Ikeda (2006, p. 18) “não há dúvidas de que a revolução da tecnologia e da informação tornar-se-á uma das megatendências do século vindouro”, e para isso é necessário nos preparar e estar atentos a estas transformações e consciente das relações que ela trará, pois alerta o autor:

Da mesma forma que a revolução da tecnologia de informação tem por natureza o potencial para provocar uma mudança de paradigma na sociedade contemporânea, sua influência contém tanto um potencial positivo quanto negativo. (IKEDA, 2006, p. 19)

Sabemos da capacidade midiática em nossos dias, Loureiro (2003, p. 84) esclarece que o que está fora da mídia eletrônica é estranho ao cotidiano humano, e que “os meios de comunicação de massa (...) cumprem uma função pedagógico-educativa no momento em que disseminam crenças, hábitos, juízos éticos e estéticos”. Atualmente, a mídia é o coração da sociedade de informação, sob cuja égide vivemos. E a informação é o novo modo de desenvolvimento responsável pela produtividade do sistema capitalista nos dias de hoje quem detém a informação, de modo geral, dentro da mídia, detém o fator central de desenvolvimento.

Pensadores como Adorno, Saviane, Libâneo, Paulo Freire entre muitos outros que defendem um saber reflexivo, uma formação crítica e autônoma, acreditam que por meio da educação, pode-se conduzir ao amadurecimento e a reflexões que nos permitem compreender as relações humanas. Afirma o Prof. e Dr. Nivaldo Alves de Souza em seu artigo na revista PHILOS:

A criança é um ser racional, dotado de inteligência, podendo desenvolver, extraordinariamente, essa faculdade, desde que lhe seja assegurado o direito de pensar com sua própria cabeça. (...) O educador tem sempre diante de si uma pessoa humana livre. Isso revela que na ação educadora, é imprescindível a colaboração de dois sujeitos: educador e educando. A educação, em sua íntima natureza, não é uma ação ou atividade externa nem uma arte ou manipulação do mestre. É uma vida interior em processo de amadurecimento e aperfeiçoamento integral, secundada pela ação externa do educador. (PHILOS, 2001, p. 8-9)

Kant afirma que o conhecimento depende de como acolhemos e como aprendemos sobre algo, essa concepção subjetiva de fenômenos nos diferencia no modo de pensar e agir, mas podemos ser convencidos de um ideal, ainda que por diferentes passagens, caminhamos todos na mesma realidade e sofremos influências que nos atinge diariamente em toda nossa existência, direcionando o modo de viver, sentir, conhecer, trabalhar e educar entre outros verbos que poderíamos usar. Toda nossa atividade é como continuação de outra realizada por nossos antecessores, suas escolhas, produção, pesquisas, descobertas, nos culminou no que somos e no que temos a disposição hoje e vamos transformando essa realidade e desenvolvendo cada vez mais, e certamente as gerações futuras terão modos de vida diferentes dos nossos, pois a realidade em que viverão estará modificada. Tecnologias e meios de comunicação, desenvolvidos pelo trabalho do homem, dialeticamente mudarão a forma de viver em sociedade e conseqüentemente de pensar, esclarece o autor:

Nosso conhecimento emana de duas fontes principais do espírito: a primeira consiste na capacidade de receber as representações (a receptividade das impressões), a segunda na faculdade de conhecer um objeto por meio dessas representações (a espontaneidade dos conceitos). Pela primeira nos é dado um objeto, pela segunda é pensado em relação a essa representação (como pura determinação do espírito).

A forma que recebemos a informação implica em como a interpretamos e fazemos uso dela, qual seu significado e importância na vida para cada um. Assim como o professor ao contar um relato, ou apresentar um conteúdo, haverá diferentes impressões sobre ele em uma sala de aula ou como uma imagem divulgada terá diferentes significados, manifestações e sentimentos em uma sociedade, essas diferentes impressões são devido às experiências de cada sujeito, e muitas vezes essa característica, de se manifestar e refletir o seu significado, é sucumbido pelo apelo ao sentimento em detrimento à razão e seus verdadeiros objetivos. O excesso de imagens e conceitos que a tecnologia midiática apresenta com tal insistência consumista e disfarce, nos torna incessíveis

a fatos brutais de nossa realidade e à alienação que somos expostos. O mundo “multissensorial” que a globalização nos proporciona interfere nas relações sociais como de tempo e espaço: Isso não só proporcionou ao homem um novo modo de relacionamento com seus pares, como lhe impôs um novo modo de perceber o tempo e o espaço, em que este mesmo homem atua.

Sendo assim, como sentimos o mundo a nossa volta é revelado nos impactos em nossas atitudes. O estético refere-se aos sentidos do homem e seu deslumbramento. A estética (do grego *aisthetiké*) traz como significado “conhecimento sensorial, experiência sensível, sensibilidade”. A princípio relacionada com a arte, e esta que também, submetida as “regras do mercado capitalista e da ideologia da indústria cultural” transformando esta arte em simples mercadorias, para o consumo rápido no mercado, visando o entretenimento e status social.

Para o autor Loureiro (2003, p. 76), “o sentido compreende tanto a capacidade de receber sensações, quanto à consciência que se tem delas e, em geral, das próprias ações.” e elucida que o termo estética surge num “contexto de transformações sociais”, na modernidade. E menciona que:

O nascimento da estética como disciplina filosófica está indissolúvelmente ligado à mutação radical que intervém na representação do belo quando este é pensado em termos de gosto (...) com o conceito de gosto efetivamente o belo é ligado tão intimamente à subjetividade humana que se define, no limite, pelo prazer que proporciona pelas sensações ou pelos sentimentos que suscita em nós. (LOUREIRO, 2003, p. 79)

A mídia traz esse caráter sensibilizador. Nas representações, a esteticidade, é componente relevante, para a dinamicidade da ação humana suas preferências e satisfações. Essas transformações presentes, devido a “ação de poder simbólico”, que ocorre pois com a “mídiação” da cultura que, “fortalece a crise das diversas instituições tradicionais produtora de sentido como, família, escola, religiões, Estado, culturas locais etc., contribuindo com a constituição de novas instâncias, influenciando na construção e afirmação da identidade do sujeito.

A mídia se tornou na atualidade ponto de referência para a criança na construção de sua identidade e nesse meio social ela se destaca pelo seu desempenho e abarcamento presente nos tipos de interação social do cotidiano contemporâneo. A estética é a forma como sentimos e vemos a realidade, e se nossa realidade é deturpada, tal qual será assim também nossas sensações, gostos e preferências. Nisto corresponde a não reflexão diante do que nossos sentidos, que anestesiados por imagens e sentimentos, se satisfazem na procuram do belo e o agradável.

A escola como educadora e espaço de reflexão, poderia desde o início na formação humana compreender em suas atividades educacionais, a cooperação na criticidade dos alunos no que concerne a discussões de intencionalidades de programas, projetos, ações, e diferentes imagens que nos atingem e que são formadoras de opinião, pois:

Considerando assim como Libâneo, que fazer uma leitura crítica pedagógica dos meios de comunicação é verificar a intencionalidade dos processos comunicativos (de natureza política, ética, psicológica e didática) presente na mídia imagética e informacional, percebe-se a importância da discussão pelos educadores, de um projeto político como pressuposto da ação pedagógica. (LOUREIRO, 2003, p. 95)

Reconhece Guareschi (2005, p. 9), e defende que é necessário esse olhar crítico sobre a mídia e seu desempenho na sociedade e que a formação do cidadão deve ser para a autonomia e criticidade. O autor coloca a mídia como o “quarto poder” e que o quinto poder capaz de superar essa mídia seria o cidadão que, capacitado de conhecimento, desafia e enfrenta esse “quarto poder”, e isso seria possível por meio da educação. Ele destaca que entre os direitos humanos, o da informação e o da comunicação são esquecidos e estes são essenciais para a

participação dos sujeitos na “construção de uma sociedade justa, solidária, democrática e participativa”. (GUARESCHI, 2005, p. 11), e afirma ainda que:

O acelerado desenvolvimento da mídia imagético eletrônica coloca a escola diante da necessidade de complexificar sua intervenção. Uma educação de racionalização e criticidade é o que tornaria o homem resistente e autônomo para conviver nesta sociedade.

A autorreflexão crítica, segundo Silva (2007, p. 96), sobre o próprio sujeito e a reflexão sobre os mecanismos e processos de domínio presente nesta sociedade contemporânea, é o que fortalece a emancipação do sujeito e o enfraquecimento da indústria cultural. O refletir sobre, conduz ao esclarecimento e esse deve ser a principal condição da educação, discutir e trazer à luz, evidenciar não apenas a informação e o conhecimento, mas também os meios de informações, suas articulações e intencionalidade. A educação deve conduzir o sujeito à consciência de ser humano, reflexão esta realizada, por discussões acerca de sua desumanização e alienação, já que:

A educação deve ter a função primordial de resistência ao inumano e, sedimentada na possibilidade de tornar o homem humano. À medida que a educação permite a percepção da inumanidade do próprio homem, da barbárie, instaurada na história pelos sofrimentos e traumas, e da sedução que a indústria cultural e o desenvolvimento tecnológico trazem, também mobiliza o pensamento a reflexão para inventar e começar de novo, por uma infância que persiste mesmo na idade adulta.

A alfabetização crítica da mídia é uma resposta educacional que amplia a noção de alfabetização, incluindo diferentes formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias. Ela também aprofunda o potencial da alfabetização para analisar criticamente relações entre a mídia e as audiências, informação e poder.

Com o processo de globalização e desenvolvimentos tecnológicos mudam as formas e espaços de interações sociais, em níveis local e global. A vida das pessoas está sendo moldada pelas forças da sociedade em rede, para tanto discutir suas interferências e tendências neste espaço educacional é uma atividade relevante para a reflexão dos alunos enquanto sujeitos ativos deste contexto e para pedagogos enquanto mentores do processo educacional.

A autora Teruya, esclarece que a mídia tem poder tanto para educar como para deseducar, devido a sua extensão simbólica que atinge o sujeito, ela afirma: “A mídia, na medida em que exerce influência sobre o universo das pessoas, é um instrumento com o poder de ensinar e educar o povo, mas também de deseducá-lo.” (TERUYA, 2006, p. 47). Nesta menção a autora alerta para as propriedades da mídia, confirmando a necessidade de uma intencionalidade ao trabalhar no espaço educacional, apoiada nestes recursos e amparada por uma reflexão. Compreendendo como esses recursos os meios impressos e os meios eletrônicos como; “livros, jornais e revistas (...) rádio, televisão, gravação em áudio e vídeo, computadores, multimídias, redes telemáticas, robótica, Internet e outros.” (ibid, p. 92).

“As tecnologias da educação, além de serem veículos de informações, possibilitam novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos, particularmente na cognição e na atuação humana sobre o meio e sobre si mesmo. A utilização de produtos do mercado da informação (...), além de possibilitar novas formas de comunicação gera novas formas de produzir o conhecimento. (...) Essas mudanças nos processos de comunicação, geram transformações na consciência individual, na percepção do mundo, novos valores e nas formas de atuação social. (TERUYA, 2006, p. 92)”

Com a incorporação dos meios tecnológicos de comunicação e sua expansão no cotidiano, atrela-se à mídia o papel “pedagógico-educativa”, quando esta difunde “crenças, hábitos, juízos éticos e estéticos”, ocorrendo por meio das relações sociais, segundo Loureiro (2003, p. 84), uma vez que a educação abarca “espaços formais e não formais de ensino e aprendizagem”. Na escola, espaço de reflexão, é onde ocorre a organização e reconhecimento das influências midiáticas, seus impactos e contribuição na formação dos sujeitos.

Uma “leitura” crítica só pode se realizar quando diversos saberes sociais (tratados pedagogicamente no tempo e no espaço escolar) se tornam força mediadora dessa aprendizagem. Neste sentido a educação estética envolveria todo o trabalho escolar. A educação, processo de ensino e aprendizagem, almeja o ideal de homens educados, com a condição consciente de intencionalidade de educar e transmitir suas ideias e práticas aos mais novos e, sobretudo, com a consciência de viver tal processo para a construção efetiva de conhecimento e de cidadania.

### Referências

SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Recepção Mediática e Espaço Público: Novos Olhares*. São Paulo: Edições Paulinas, 2006.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 2003.

LORIMER, Rowland. *Mass Communications: A comparative introduction*. Manchester: Manchester University Press, 1994.

MCLUHAN, Marshall. *Meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2011.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Piaget para principiantes*. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. *Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

IKEDA, Daisaku. *Proposta Educacional: algumas considerações sobre a educação no século XXI*. Tradução de Elizabeth Miyashiro. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2006.

LOUREIRO, Robson; FONTE, Sandra Soares Della. *Indústria cultural e educação em “tempos pós-modernos”*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

TERUYA, Tereza Kazuko. *Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação*. Maringá, PR: Eduem, 2006.